

A ÉTICA DO CORPO IDOSO
reflexões em busca de um corpo autônomo e criativo

Lilyen Vass

Monografia vencedora da 9ª edição do
Concurso Banco Real Talentos da
Maturidade (2007).

*“O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência.
Nem uma culpa como nos faz crer a religião.
O corpo é uma festa.”*
Eduardo Galeano

INTRODUÇÃO

O corpo, trazido nesse texto, não se apresenta dissociado da mente¹, por ser entendido dentro de uma comunicação contínua com o meio em que se encontra – expressa no “fluxo inestancável de transformações e mudanças”² recíprocas. Examinar essa relação é buscar um reconhecimento de corpo no que diz respeito à sua capacidade autônoma, criativa e social quando, diante da ditadura da imagem, parece tornar-se, cada vez mais, passível de manipulação, um corpo autômato, desvalorizado em sua característica social.

Para tanto, autores brasileiros são trazidos no intuito de fundamentar esse texto preservando a realidade social brasileira, dentro de um contexto maior: o contemporâneo.

Observa-se que a relação entre corpo e sociedade explicita, dentre outros aspectos, uma esfera de poder onde o discurso dominante encontra sua legitimação no cotidiano. Na sociedade contemporânea, onde o valor da imagem tende a ditar modelos estéticos e comportamentais, o indivíduo converte seu corpo num propósito de perfeição, sem que haja, na maioria das vezes, um exercício de reflexão crítica, submetendo-o a um estado de passividade e automatismo.

Michel Foucault³ destaca-se neste cenário como um dos pensadores que melhor sistematizou este domínio sobre o corpo quando demonstrou pela teoria do biopoder que “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se faz apenas

¹ DAMÁSIO, Antonio. *O Erro de Descartes*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

² KATZ, Helena e GREINER, Christine. *A natureza cultural do corpo*. Lições de dança 3. UniverCidade: Rio de Janeiro, 2003.

³ Conferir FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed. Vozes. 2004. e FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, 17ª Edição.

através da consciência ou da ideologia, mas também no corpo e com o corpo”. (*apud* NOVAES, 2003)

As amarras estipuladas dentro desse sistema demonstram uma ideologia que tende à homogeneização e não à diversidade, dificultando, ao indivíduo, encontrar um ambiente no qual ele seja capaz de exercer sua autonomia⁴.

Chama a atenção o fato de o desenvolvimento biotecnológico ter oferecido uma perspectiva demasiadamente materialista, focada no corpo, para explicar a origem e o desenvolvimento da vida. Porém, pouco parece fazer pelo aprimoramento humano e suas relações. Considerando a atual possibilidade de intervenção, manipulação e extensão do corpo pelo arsenal tecnológico disponível, talvez caiba perguntar: o que *quer* esse corpo?

Descobrir e entender o que se quer hoje, nesse sentido, seria uma maneira de se orientar em relação ao amanhã, assumindo a responsabilidade que é de cada um – em cada escolha e atitude. A proposta é reconhecer o contexto em que esse corpo (jovem hoje – idoso amanhã – e idoso hoje) se encontra – dentro de um pensamento de caráter biotecnológico, atrelado à cultura “*espetacular*”⁵ –, para refletir sobre a constituição do *corpo idoso*, no que tange à sua autonomia e criatividade. As questões que permeiam o entendimento dos limites e possibilidades de cada corpo são trazidas como contraponto à intolerância e arrogância diante da fragilidade humana. Questões que parecem tornar nossa sociedade cada vez mais indiferente, permissiva e violenta.

⁴ O termo autonomia está sendo considerado como forma de reconhecimento, pelo sujeito, de seus limites e possibilidades, aproximando-se do pensamento de Marilena Chauí: “autônomo seria aquele que se coloca de maneira ativa levando o outro em consideração sem subordinar-se nem submeter-se a ele, responde pelo que faz, julga suas próprias intenções e recusa a violência contra si e contra outros”. CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

⁵ COSTA, Jurandy Freire. *O vestígio e a Aura*. Ed. Garamond, RJ, 2004.

Se a faixa etária do idoso é considerada a última fase da vida – portanto, também do corpo –, a questão seria: o que se quer com esse corpo? Qual o objetivo da intervenção no corpo por parte da ciência? Num primeiro momento, a qualificação e o prolongamento da vida podem aparecer como respostas imediatas. Porém, qualificar e prolongar a vida para quê? Que discurso e contexto fundamentam esses interesses? Como ficariam as experiências, as vivências desse corpo, dentro do seu contexto social?

Se por um lado a biotecnologia traz uma possibilidade, sem precedentes, de construir (e manipular) os corpos, por outro, remete à idéia de fixá-los em suas aparências, apagando qualquer vestígio ou “registro” de tempo. Ficamos, então, diante do que seja, talvez, a questão principal: a finitude que esse corpo, orgânico, suscita. Com medo da morte, a ciência procura dominar a vida – o que sugere, em si, uma contradição, diante de sua inegável característica ambígua e ensaística.

Na dificuldade de aceitar os limites de cada corpo, ou de pensá-los como potências transformadoras e criativas, a intolerância permeia o imaginário coletivo contemporâneo⁶. A ética corporal, entendida como um comprometimento social – na interface natureza/cultura –, pode transformar-se, então, em um instrumento de ação eficaz na mobilização e produção de uma vida qualitativamente melhor, o que, na perspectiva do idoso, torna-se uma questão ainda mais relevante.

⁶ E, talvez, valha lembrar, que “não é o gene o que torna explosivos os conflitos. É a sociedade.” RIBEIRO, Renato Janine. *Novas fronteiras entre natureza e cultura*. In: *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. Cia. das Letras, 2001.

O CORPO CONTEMPORÂNEO

*Este corpo que me deram,
tão lindo, tão meu ... Pra quê?*
OSSIP MANDELSTAM

Observa-se na evolução humana, no diálogo entre corpo e meio, um acúmulo de saberes e técnicas atuantes na produção de corpos e subjetividades (SIBÍLIA, 2002). Viabilizado pelo arsenal tecnológico, o sujeito se vê, hoje, possuidor de uma aparente autonomia que o faz acreditar-se capaz de manipular as coisas e a vida, de tal maneira que o outro, e o próprio corpo – enquanto potência afetiva/criativa –, parece perder sua legitimidade. Se por um lado, o desenvolvimento tecnocientífico trouxe ao corpo uma gama de possibilidades de expansão e atuação, por outro, também fragmentou e menosprezou sua capacidade autônoma e sua relação social.

Com tantas vantagens imediatas para solucionar problemas – próteses, tecidos inorgânicos, ou mesmo a amplitude e simultaneidade informativa trazida pela internet – a sedução, incontestável, diante do desenvolvimento tecnológico, acabou por dificultar um discernimento mais crítico.

De acordo com Paula Sibília (2002), o pensamento biotecnológico tem procurado explicar a vida através de códigos informativos descobertos com o deciframento do genoma, parecendo reduzi-la a um mero ‘funcionamento’ do organismo, negando, assim, boa parte de suas potências.

Com ferramentas destinadas à sujeição da vida com capacidade de identificar índices de risco e aplicar terapêuticas preventivas, o corpo tem se tornado cada vez mais passivo⁷ – corpos autômatos (SIBÍLIA, 2002).

⁷ Passividade, esta, identificada no pensamento de Foucault quando se refere aos “corpos dóceis e úteis”. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

A biotecnologia, em si, que tantas mudanças positivas trouxe ao corpo, também nos tem dispensado de cuidar de nós mesmos. Renato Ribeiro exemplifica, destacando que um produto químico pago pelo estado [como Xenical, Viagra e Prozac] assumiria o cuidado em nosso lugar. Vendemos a nossa responsabilidade, ou o direito à irresponsabilidade.

Dentro desse pensamento, Paula Sibília explica que:

“Existem agenciamentos coletivos, usos e apropriações das tecnologias por parte dos sujeitos, que por sua vez também vivenciam seus efeitos em seus próprios corpos e subjetividades. Os aparelhos e ferramentas exprimem as formas sociais que os produzem e dão sentido, formando redes, teias de pensamento, matrizes sociais, econômicas, políticas, que permeiam o corpo social inteiro e estão inextricavelmente ligadas às novas tecnologias.” (SIBÍLIA, Paula. 2002:11)

Ao buscar conforto (de demanda física) e uma expectativa de vida maior, o desenvolvimento biotecnológico direciona seu interesse pelo corpo, orgânico, subtraindo-o de seu caráter subjetivo/social. Na ânsia de encontrar estabilidade, da qual a vida carece – pela incapacidade de conviver com a fragilidade e incompletude inerente ao ser humano –, a experiência (criativa) que o efêmero pode tecer dentro da diversidade de corpos em sua relação com o meio fica inibida. A vivência⁸ do tempo deixa de ser uma integração entre passado, presente e futuro, para ser apenas o presente, o imediato, negando o passado (na busca de cristalizar uma aparência “atemporal”) e idealizando o futuro (acreditando dissimular sua degeneração e finitude).

Por este motivo, como Sibília chama atenção, o armamento científico-tecnológico é colocado a serviço do que é vivo e em luta contra o envelhecimento e a morte, levando o indivíduo a uma aparente capacidade de controlar a si mesmo e

⁸ Vivência entendida como o conhecimento que se adquire no processo socialização que acompanha o indivíduo ao longo de sua biografia, habilitado pela capacidade de percepção (faculdade de apreender por meio dos sentidos ou da mente).

tudo a sua volta. Esse desejo, por não haver completude, se transforma em fonte permanente de angústia, pois estabelece como referência modelos de corpos, comportamentos, idéias padronizadas, desvalorizando suas particularidades.

Do mesmo modo, o pensamento digital, conceitualmente fragmentado, dificulta uma apropriação, pelo indivíduo, de um sentido existencial particular e indispensável. Dificuldade, esta, oportuna a um sistema que tem o capital como valor maior. Fomentada pela mídia – que tem na publicidade sua grande aliada e disseminadora –, a idéia de um corpo manipulável, sujeito a uma “composição”, ganha uma característica imperiosa. A imagem passa a reger o valor social, mais do que as próprias relações. E o desejo, antes uma constituição individual, passa a ser de ordem externa (mercadológica) interiorizada pelo sujeito através da dinâmica marqueteira – que agencia o desejo, mas não o equaciona⁹ A imagem publicitária desconsidera a abstração necessária ao processo individual e destitui o sujeito de sua capacidade de eloqüência e reflexão, tornando-o um sujeito passivo. Essa perspectiva de vida transforma-se em uma realidade-espetáculo, onde

“o espetáculo faz da aparência inerência. A realidade diluída em imagens leva o sujeito a perder a confiança em seu discernimento e a crer, *prima facie*, no que dizem os jornais, revistas, filmes e programas de rádio ou e televisão. (...) O verdadeiro não é mais aquilo que é, mas o que os proprietários dos meios de comunicação decidem que deve ser visto.”(FREIRE, Jurandir. 2004:229)

Dentro dessa estética social, espetacular, o ideal e o virtual se impõem; recusando e excluindo as particularidades das diferentes realidades, patrocinando a homogenia de comportamentos e corpos.

A felicidade idealizada, pautada na busca da perfeição, acaba por impor estéticas, corpos e pensamentos que tendem a desqualificar as relações

⁹ Alcione Araújo - Roteirista de Cinema e TV, Romancista, Dramaturgo, Ensaísta e Cronista (palestrante da reunião científica HOMENS E MULHERES, O QUE SOMOS E O QUE QUEREMOS NOS TEMPOS DE HOJE? Agosto / 2007 – Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro / SPRJ).

humanas/sociais, descartando as questões éticas que as envolvem, tais como o respeito, a tolerância, a troca, a diversidade.

Constrói-se uma perspectiva ilusória de vida, onde não há discordância, falha ou qualquer ordem de carência. Cria-se, assim, tolerância zero para o feio, para o erro, para a dor, para as fraquezas e a inevitabilidade da vida. Condena-se a infelicidade e a tristeza (e tantos outros sentimentos humanos) e idolatra-se, por outro lado, a perfeição e a estabilidade. Esses valores, já incorporados pelos indivíduos, induzem-no às atitudes imediatistas, pouco reflexivas, numa visão estritamente materialista, sem a necessária abordagem humana. Dessa maneira, garante-se a necessidade de adquirir constantemente produtos que tragam uma sensação de preenchimento e, conseqüentemente, contentamento e prazer – o que em resumo, e em outras palavras, acabaria por produzir um discurso dominante que tende à homogeneização de estéticas e comportamentos, legitimado na sociedade pelo receio de exclusão, disseminado em cada indivíduo.

Há uma imposição de um desejo mercadológico em detrimento do desejo individual, exonerando a subjetividade inerente a ele. Os indivíduos tornam-se personagens passivos de sua história – corpos sem autonomia.

Francisco Ortega (2002) esclarece que, hoje, a vontade não está a serviço da liberdade, visto que é uma “liberdade ressentida, serva da ciência, da causalidade, da necessidade, que constrange a liberdade de criação e elimina a espontaneidade”.

Pensando o corpo como manancial de conhecimento, como um acontecimento além de sua delimitação física, numa dinâmica que é ao mesmo tempo empírica e cognitiva, vale considerar o pensamento de Winnicott, para refletir sobre a diferença entre um corpo vivo e um corpo que vive:

“a saúde não se liga unicamente à aparência ideal esperada e nem ao bom funcionamento mediano prescrito. A vida não se

submete sempre à força das leis gerais. A proposição de que o desenvolvimento dos potenciais só pode ser alcançado em condições suficientemente boas, estabelece que nascer biologicamente não significa 'começar a viver'. A vida é um processo no qual os organismos desenvolvem propriedades, por meio de ações e reações. Na saúde os organismos são capazes de adaptação, mas também recriam o ambiente que o criou. "Começar a viver" é ter saúde, e a experiência única da saúde se relaciona a sentimentos que extrapolam padrões sociais e sobrepujam constantes biológicas. Não existe uma única maneira de garantir a aquisição e manutenção de um cenário mental saudável em integração com o corpo, que confere ao organismo uma experiência pessoal de familiaridade com o mundo e consigo mesmo." (apud SOARES NETO, José Fernando. 2005)

Não bastaria, portanto, construir corpos funcionais para viabilizar uma qualidade melhor de vida. Winnicott considera que é através da percepção criativa, mais do que de qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida¹⁰.

Para Maria Rita Kehl (2003), o corpo é um acontecimento que se dá além de seus limites físicos e que, excluído da comunidade dos homens, não produz sentido nem valor, pois a certeza do ser é confirmada pelo olhar do outro – portanto, um acontecimento social.

É preciso considerar que a produção de sentido, estabelecida na dinâmica corpo/meio, se manifesta no processo de transformação da nossa cultura. Assim, percebe-se, como mostra Jurandir Freire Costa (2004), que a instrumentalização técnica multiplica as possibilidades expressivas dos organismos humanos, mas não renova [necessariamente] a cartografia emocional, visto que ela se encontra atrelada à "moral do espetáculo" – que se manifesta no ideal da felicidade das sensações e no da vida como entretenimento – constituindo uma realidade "reduzida à espessura da superfície espetacular". O que se percebe é uma ausência de reflexão pessoal,

¹⁰ Pensamento que é compartilhado pelo zoólogo Morris que diz: "atividades que envolvem inovação, risco, exploração e criatividade... é que nos tornam verdadeiramente humanos". MORRIS, Desmond. *A mulher nua: um estudo do corpo feminino*. São Paulo. Globo, 2005.

habitando o indivíduo a se eximir de pensar eticamente sobre si mesmo e aquilo que o cerca.

Nesse sentido, Jurandir ainda destaca:

“Ninguém duvida de que a matéria corpórea seja a condição *sine qua non* da vida biológica e sociocultural. Esta condição genérica, no entanto, não a promove à função de chave epistêmica para a compreensão de nossa humanidade ou de chave ética para o sentido da vida” (COSTA, Jurandir Freire. 2004:215)

Pensar *cada* corpo, por sua especificidade, seria propor, na ética corporal, a inscrição da diferença, da particularidade, pois é com sua circunscrição que *cada* corpo vai perceber e “administrar” as informações do mundo e no mundo. É ele, o corpo, a interface¹¹ que nos cabe para (re)conhecer o mundo.

¹¹ O corpo como meio de comunicação entre indivíduo (subjetividade) e mundo. KATZ, Helena. O Corpo como Mídia do Seu Tempo; Cd Rom Rumos Itaú Cultural Dança, Itaú Cultural. São Paulo, v. 1, n. 1, p.inicial 1, p.final 3, Meio digital, 2004.

O CORPO NO ENVELHECIMENTO

*“Eu conservo, do passado, os mecanismos que se mostraram
no meu corpo, os instrumentos culturais de que me sirvo, meu
saber e minhas ignorâncias, minhas relações com outrem,
minhas ocupações, minhas obrigações”
Beauvoir*

Tomando como referência as considerações de Marília Bense Othero (2007), a fase do envelhecimento é marcada por muitas mudanças para o sujeito que a vive. Segundo ela, as teorias mais tradicionais sobre o envelhecimento nomeiam-no como um momento de declínio, apontando os problemas inerentes a este processo: perdas motoras (alterações na coordenação e no equilíbrio), déficits visuais e auditivos, diminuição da capacidade de termoregulação, alterações no débito cardíaco e pulmonar, perda de dentes e retardo no metabolismo digestivo, entre outras que podem ser enumeradas.

Entretanto, teorias mais atuais propõem que o envelhecimento também traz ganhos, especialmente relacionados aos domínios profissionais, de lazer e de manejo das questões existenciais. Com isso, não se deve considerar apenas o envelhecimento biológico, mas os aspectos subjetivos e sociais que participam desse processo.

Segundo Othero, as transformações corporais são inerentes ao envelhecimento e são de difícil elaboração, ainda que perdas e ganhos desta fase possam ser aspectos relativizados. Todavia, o aparecimento de doenças crônicas, prevalentes neste período da vida, leva à existência de incapacidades, que podem prejudicar ainda mais o desempenho funcional do indivíduo, o que de algum modo acaba por interferir profundamente em sua relação com o mundo que o cerca.

A representação da velhice acaba por ser permeada, ainda hoje, por aspectos negativos e juízos valorativos de discriminação e diminuição do sujeito, especialmente se considerarmos o contexto sócio-cultural destacado anteriormente.

Goldfarb (*apud* Othero, 2007), nos fala de um ponto fundamental para esta realidade: a diferença entre limite e limitação do corpo idoso.

“Limite que será o do corpo biológico que sofre uma involução, mas não daquele outro que sabemos capaz de prazer, instrumento de amor e que deverá ser incentivado a sentir e se sensibilizar com a proximidade dos outros e a força dos vínculos” (GOLDFARB. 1988:7).

O temor pela velhice costuma ocorrer quando o tempo vivido não tem nenhum valor, quando as experiências acontecem de maneira superficial, sem que haja amadurecimento. Submetidos aos valores externos, o sujeito se vê dependente, passivo, suscetível a intervenções de toda ordem.

Na expectativa de burlar o tempo para conter a vida, o arsenal tecnocientífico oferece, junto ao mercado uma série de intervenções sem que haja qualquer indício de fortalecimento de caráter humano.

“... a vida biológica só tem ‘valor moral’ se for vista como um atributo de sujeitos que gozam do direito de ter a sua integridade física e a sua dignidade de pessoa humana preservadas. Sem este selo ético, ela está exposta aos desmandos e à arbitrariedade dos tiranos...” (COSTA, Jurandir Freire. 2004)

Encontra-se inscrito, no indivíduo, um conjunto de valores e condutas. O estabelecimento da ética dá-se a partir das relações entre esses indivíduos que, para além da imagem, necessitam expressar suas experiências pessoais, revelando, assim, seus limites particulares repletos de possibilidade.

Considerar os aspectos sócio-culturais que envolvem o corpo em seu envelhecimento parece ser imprescindível para que se possa reescrever a história em uma perspectiva mais inclusiva. Cada idade, com seu processo maturativo e

através de uma adaptabilidade proveniente das alterações do conteúdo significativa das situações vividas, constituiria e valorizaria o sujeito em suas características humanas.

“O mito da eterna juventude, no limite, tende a produzir corpos sem história, dos quais tentamos apagar, com o auxílio da medicina, todas as marcas do passado. E como é impossível ostentar uma aparência jovem sem adotar “atitudes” jovens, vamos vendo que a vida já não pode acrescentar experiência nem sabedoria. A disponibilidade permanente para a moda, o consumo efêmero, a aceitação de todas as novidades produzidas pela indústria cultural impedem que as pessoas se apropriem do vivido e transformem sua história de vida na marca de sua diferença, pessoal e intransferível.” (KHEL, Maria Rita. 2003:258 e 259).

Na tentativa de conter o tempo em uma imagem idealizada de corpo, o presente tende a se tornar uma luta contra esse mesmo tempo que é, intrinsecamente, fluido e ininterrupto, tornando o indivíduo incapaz de vivenciar suas experiências de maneira autônoma. E se a vivência do tempo presente fica abandonada, o futuro será também, possivelmente, um tempo de desamparo.

Como coloca Maria Rita Kehl (2003), “vivemos negando a morte, mas corremos o risco de morrer – o que ainda é inevitável – como se nunca tivéssemos vivido”.

A relação com o próprio corpo e com a sociedade, gerida pelo pensamento imediatista, superficial, em prol de um futuro idealizado e remoto, descompromete o indivíduo que, isolado em seu orgulho cultural, cego por sua certeza técnica, subjugava-se enquanto ser social. A pergunta que se faz é: como serão os idosos dessa geração, que carregam internalizada a mentalidade de uma sociedade do espetáculo.

Maria Rita Kehl observa:

“... cada homem se crê isolado dos outros e responsável pelo controle soberano de seu corpo, impulsos, afetos e necessidades. Este é o sujeito moderno, que não reconhece sua pertinência a uma comunidade e sua dívida para com os seus semelhantes, vivos e mortos. É o sujeito da culpa neurótica, que vive através de seus pensamentos

atormentados o conflito com os desejos que ele se acredita capaz de controlar; o corpo negado assim como o laço social recusa a ele na forma de sintomas neuróticos, angústias, percepções paranóicas do outro, solidão e falta de sentido para a vida”. (Idem:252)

Buscar a responsabilidade individual – conhecendo, compreendendo e respeitando a condição corporal (possibilidades e limites) – talvez seja uma forma de valorizar a vida humana em suas diferentes faixas etárias. É preciso entender o sofrimento e a finitude¹² como características intrínsecas à vida. Tentar isolar essas questões seria o mesmo que isolar a nós mesmos.

Acredita-se, neste sentido, que o processo de conscientização dos idosos em relação ao envelhecimento de seus corpos tem diferentes significados, que podem diferir de idoso para idoso, e que estão fortemente relacionados à esfera existencial (social e afetiva)

Reconhecendo que o sofrimento (e toda ordem de impotência e fragilidade humana) não tem boa reputação na “megalópole tecnológica” (SIBÍLIA, 2002), nos habilitamos a compreender melhor as disfunções que ocorrem entre o corpo – principalmente do idoso que, inevitavelmente, se impõe – e a sociedade.

De acordo com Ferrari (2005), é através da ação consciente que o indivíduo explora e transforma a si e ao mundo que o cerca, construindo sua própria história. É preciso lembrar o valor da vivência e da experiência produtora de conhecimento e sabedoria. E, acima de tudo, respeitar o corpo pelo seu valor afetivo, subjetivo e criativo.

Considerando o Homem como ser social e, sua condição, corporal¹³, a busca pela autonomia do corpo parece tornar-se imprescindível dentro desse contexto

¹² Dr. Waldemar Zusman, psiquiatra e psicanalista, em depoimento informal diz que estamos acostumados a colocar a morte no final da vida, porém não há vida sem morte, ou seja, a morte e a vida andam juntas.

¹³ Conferir em BRETON, David Le. *Adeus ao corpo*. São Paulo: Papyrus, 2003.

contemporâneo onde seu aspecto físico passa a ter uma visibilidade sem precedentes.

Por ser o corpo um elo entre natureza e cultura – uma mídia que, ao se comunicar, transforma a si e ao meio em que se encontra –, a reflexão que se faz a partir dele torna-se instrumento de ação.

Em se tratando da imagem ainda hoje pessimista sobre a velhice, Vânia Ramos (2007) esclarece que se associa sempre à pessoa que envelhece a idéia de decadência física, psíquica e social, configurando-se uma fase de perdas que se sobrepõe aos ganhos, como sabedoria, experiência e liberdade.

O corpo por si só não revela como atributo a velhice, mas uma vez que ela, como estigma, se instala no corpo, passa a inquietar o idoso. Certamente a inquietação é decorrente de uma avaliação também estigmatizada e, assim sendo, uma abordagem pessimista do velho diante do seu próprio corpo (RAMOS, Vânia. 2007).

A visão de um corpo imperfeito – em declínio, enfraquecido, enrugado – faz com que muitos idosos subestimem seus potenciais em função da velhice, incorporando uma sensação de incompetência. Especialmente diante de uma sociedade que clama por um corpo jovem, saudável e belo, onde a atividade física e a estética estão cada vez mais orientadas para desenvolver um padrão de ser humano.

Assim, procurar pela ética corporal do idoso é buscar no corpo, ainda jovem, a responsabilidade na qual ela se vê atravessada. Nossos valores morais estão permanentemente abertos à reflexão e intervenção, cabendo a cada indivíduo reconstruí-los num sentido mais inclusivo.

Refletir, portanto, sobre a ética corporal do idoso, é procurar uma maneira de trazer a tolerância e o respeito como princípios básicos de uma convivência social mais humana. Compreender a natureza do corpo em seus limites e possibilidades é tentar entender, como esclarece Monteiro (2007), que não teremos um corpo enquanto vivermos apenas focados na imagem corporal idealizada pelas convenções de uma estética sem ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos.”

Eduardo Galeano

Se por um lado as ciências naturais trazem como conceito-chave, a natureza (physis) – algo que se pretende descobrir controlar, manipular –, por outro, temos as ciências humanas, que se concentram no conceito de cultura ou de educação, entendendo que o ser humano é formado, em vez de estar pronto ou dado. (NOVAES, Adauto. 2003)

A busca pelo perfeito (corpo, relações etc.) e pela unicidade da forma e do pensamento tende a produzir corpos autômatos, passivos e manipuláveis. Porém, se as restrições do corpo podem ser vistas como problemas para aqueles que buscam a manipulação e o poder, também podem ser entendidas, por outros que não têm o mesmo objetivo, como uma questão que potencializa a criatividade, estimulando a liberdade e a diversidade.

O corpo talvez seja nossa utopia mais concreta, a nossa experiência mais imediata do tempo e do espaço. Porém, a utopia do corpo não deve se impor à natureza, mas trabalhar com a cumplicidade dos nossos possíveis (BAVCAR, Eugen, 2003).

Vale entender que este corpo – vivo, portanto, mortal – não limita a vida. O contrário, essa vida orgânica e mortal, tão próxima das expectativas dos indivíduos hoje envelhecidos, animaria suas potências, pois a vida e o pensamento somente seriam possíveis no mundo orgânico, isto é, enraizados em um corpo vivo. Em outras palavras, é na sua característica incerta que reside sua potência criativa.

Jorge Coli (2003) explica que o mestre do perfeito é o imperfeito, pois é ele quem ensina. Desse modo, sua eliminação significa a eliminação da diversidade do mundo, pressupondo a tirania. E o que esperar do idoso amanhã, que tanto se esgota num hoje, e que pouco constrói na vivência?

É neste contexto que a intervenção tecnocientífica, na sua eficiência “digital”, tem se mostrado bastante impositiva. Esquece-se de que não se pode ter tudo (ou ser tudo), e que para realizar bem o possível é preciso abrir mão de muita coisa.

No limite da arrogância de um pensamento que busca tudo controlar – inclusive a vida e a morte –, observa-se a dificuldade explícita de compreender o limite inerente ao ser humano, enquanto corpo orgânico e social. Especialmente quando se trata do idoso, considerado distante, ou mesmo fora, dos padrões estabelecidos pela sociedade do espetáculo – que exclui sua capacidade de estabelecer relações e vínculos sociais consistentes. É preciso lembrar que o corpo não tem como característica a perfeição, mas o desejo de viver em sua máxima potência.

O movimento invisível que reside na dinâmica empírica/cognitiva do corpo com o meio promove o incerto – pequenas e grandes mudanças –, opções e caminhos para o imprevisível. É preciso restabelecer o “*jogo lúdico*” (SIBÍLIA, Paula 2003) da vida, onde cabe o erro, o diferente, a dificuldade, enfim, as fragilidades humanas.

Pensar em maneiras de potencializar as qualidades do corpo idoso, favorecendo sua autonomia, talvez possa ser uma alternativa – menos arrogante e autoritária do que transformá-los em outra coisa, que não sejam eles mesmos. É preciso humildade para reconhecer e respeitar as capacidades e os limites de cada um¹⁴.

¹⁴ “Sou uma estrutura psicológica e histórica. Recebi uma maneira de existir, um estilo de existência. Todas as minhas ações e meus pensamentos estão em relação com essa estrutura. No entanto, sou livre, não apesar disso ou aquém dessas motivações, mas por meio delas; são elas que me fazem comunicar com minha vida, com o mundo e com minha liberdade” Merleau-Ponty. Conferir

Defende-se, aqui, um idoso que se coloca diante da vida através de um corpo autônomo e criativo, e que se utilize do avanço tecnológico na medida de suas reais necessidades e para o desenvolvimento de suas potencialidades¹⁵. Ou seja, não seria negar a tecnologia, mas estar atento para não sucumbir diante dela.

Desse modo, no desenvolvimento de suas potencialidades, sejam elas físicas ou intelectuais, estaria em jogo a constituição de estruturas de pensamento e ação (produção literária/textual, manifestações artísticas, esportivas, fazeres artesanais, e domínios profissionais dentre outras atividades) como resultado do acúmulo de experiências de toda uma vida. O que possibilitaria ao idoso vivências de grande prazer e produtividade em sua relação com o mundo, sem que o estado de finitude próxima se apresentasse como impedimento e mesmo desmerecimento para suas realizações.

O que se propõe, nas palavras e ensinamentos de Marilena Chauí, é a construção daquilo que propicia unidade da narrativa de nossa vida, do que dá sentido às nossas buscas, aos nossos encontros, às nossas perdas e frustrações, permitindo o aumento de nosso auto-conhecimento e de nossa autonomia. É o intuito de vislumbrar uma ética do *corpo idoso*, onde tempo e experiência harmonizam-se no corpo e em sua relação com o meio.

MERLEAU-PONTY, Maurice: *O Visível e o Invisível*. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971. MERLEAU-PONTY, Maurice: *O homem e a Comunicação (A Prosa do Mundo)*. Tradução de Celina Luz. R. J., Edições Bloch, 1974.

¹⁵ Para Le Breton (2003), "Por meio de sua corporeidade o homem faz do mundo a medida de sua existência".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAVCAR, Evgen. o corpo, espelho partido da história. In: NOVAES, Adauto (org.), O Homem-Máquina – a ciência manipula o corpo. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1990.
- COLI, Jorge. O sonho de Frankenstein. In: NOVAES, Adauto (org.), O Homem-Máquina – a ciência manipula o corpo. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- COSTA, Jurandy Freire. *O vestígio e a aura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DAMÁSIO, António R. O erro de Descartes: emoção razão e o cérebro humano São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FERRARI, M.A.C. *Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade*. In: NETTO, M.P. Gerontologia, A velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.
- KATZ, Helena e GREINER, Christine, *A natureza cultural do corpo* In: PEREIRA, R. e SOTER, S. (Orgs) Lições de Dança 3, RJ: Ed. UniverCidade, 2000.
- KATZ, Helena. O Corpo como Mídia do seu Tempo. Cd Rom Rumos Itaú Cultural Dança, Itaú Cultural São Paulo, v. 1, n. 1, p.inicial 1, p.final 3, Meio digital, 2004.
- KELN, Maria Rita. *As máquinas falantes*. In: NOVAES, Adauto (org.), O Homem-Máquina – a ciência manipula o corpo. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- LE BRETON, David, *Adeus ao corpo*. São Paulo: Papyrus, 2003.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. *Corpo e Imagem: o envelhecimento nosso de cada dia*. PUC-São Paulo: www.portaldoenvelhecimento.com.br, 2007.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer: Histórias – Encontros – Transformações*. São Paulo: Ed. Autêntica, 2003.
- MORRIS, Desmond. *A mulher nua: um estudo do corpo feminino*. São Paulo: Globo, 2005.
- ORTEGA, Francisco. *Da ascese à bio-ascese, ou do corpo submetido à submissão ao corpo*. In: Rago M, Orlandi L, Veiga-Neto A, organizadores. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A; 2002.

RAMOS, Vânia . *Momentos do Corpo: corpo e movimento*. PUC-São Paulo:
www.portaldoenvelhecimento.com.br, 2007.

RAMOS, Vânia. *Geronto-psico-motricidade*. PUC-São Paulo:
www.portaldoenvelhecimento.com.br, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. *Novas fronteiras entre natureza e cultura*. In: NOVAES, Adauto (org.), *O Homem-Máquina – a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*: Rio de Janeiro, Relume dumará, 2002.

SOARES NETO, José Fernando P. *A saúde modificada: criatividade, espontaneidade e satisfação na experiência contemporânea*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva – área de concentração ciências humanas e saúde – do Instituto de Medicina Social da Universidade do Rio de Janeiro. 2005.